



9º LUGAR  
Marcelo Assis Mello de Baère  
Rio de Janeiro/RJ

## O MÉDICO E/OU MONSTRO

Doutor Hernandez era cirurgião geral já estabilizado em sua carreira e dividia seu tempo de trabalho entre os atendimentos em seu consultório e os plantões nos fins de semana como cirurgião chefe, comandando uma equipe em um conhecido hospital público da cidade. Não que precisasse desse último cargo. Seus atendimentos no consultório eram bem requisitados devido a sua boa fama como médico de modo que pagavam com folga todos os seus gastos.

Seus amigos, por conta do emprego público, faziam troças e diziam que devia ser fruto de problemas conjugais. Mas é claro que estavam enganados: Hernandez se casara há apenas três anos. Eles conservavam plena ainda a paixão do início de casamento. O fato é que seus colegas não conseguiam entender que havia dois fortes motivos para isso.

O primeiro era o inviolável senso de solidariedade pelos mais necessitados. Simplesmente acreditavam na sorte. E sentia que, de algum modo, era honroso para com a sorte distribuir a vantagem de ter estudado em bons colégios entre aqueles que tiveram o azar de nascer pobres.

O segundo fator era um tanto quanto estranho mesmo. Ele gostava da emoção do plantão. Em seu consultório, todos os dias, atendia marmanjos e dondocas em meio ao branco esterilizado e estático da sala, distribuindo atestados e piadas de sorriso amarelo.

Mas no plantão a velocidade era outra, e o tempo era contado não por minutos, mas por cafés, sangue, gemidos e pontos. A adrenalina lhe gotejava a testa, enquanto varava as noites comandando sua equipe com a destreza de um maestro.

Um dia, retornando com sua esposa de umas curtas férias que se permitiu tirar, ao abrir a porta de casa, deu de cara com uma sala vazia. Seus móveis haviam sido tombados e os aparelhos eletrônicos sumidos.

— Meu Deus! Fomos roubados — gemeu sua esposa.

— Estão sendo roubados — corrigiu sardonicamente o homem atrás deles sob o batente da porta, a arma engatilhada e fria tocando a nuca de Hernandez.

O médico, naquela noite, se convenceu de que a dor psicológica pode chegar a ser pior do que a dor física.

O fato é que não satisfeito em pilhar todas as coisas que Hernandez comprou ao longo de anos com suor e trabalho honesto, o demônio fez questão de amarrar o médico numa cadeira e, na sua frente, violentar sua esposa de todas as maneiras possíveis por horas a fio.

Quando tudo terminou, eles eram a própria imagem do choque. Sua esposa estática, o corpo roto e contorcido como o de um atropelado. Seu rosto congelado em grito mudo, de vez em quando emitia um chiado. Ele, prostrado, mergulhado em apatia, não conseguia nem falar, nem pensar. O mundo jamais foi igual.

Mas quem pode compreender os mecanismos da irônica engrenagem chamada destino? A sorte, querida aliada de Hernandez, não o abandonaria nem mesmo na tragédia.

Já havia passado alguns meses desde aquele dia. Então, numa sexta-feira um homem baleado entrou em seu plantão. Um tiro na perna, a bala alojada, mas o rosto... Hernandez piscou como que querendo afastar uma ilusão de ótica. Não era, e ele não estava confundindo: jamais esqueceria aquele rosto.

Com delicada maestria e, assistido por sua equipe, Hernandez extraiu a bala e costurou a perna. Em seguida,

deixou o rapaz sobre a mesa e retirou-se para uma antessala com seus companheiros. Explicou-lhes a situação e, por unanimidade, eles decidiram que aquele homem jamais tinha dado entrada no plantão, sua ficha seria perdida. Deixaram a sala em seguida e foram cuidar de outros casos. Hernandez preparou uma seringa e tranquilizou o rapaz:

— Apenas um reforço na anestesia. Por precaução. Por precaução.

Há uma substância produzida a partir do veneno de um tipo de especial de vespa que leva em geral quinze minutos para agir no sistema nervoso central, anestesiando o corpo totalmente. Entre trinta e quarenta minutos, ela atinge seu ápice, que dura aproximadamente quatro horas. No declínio de seu efeito, a superdosagem aplicada começa a desligar definitivamente as terminações nervosas rompendo os canais. A sensação física é descrita como milhões de agulhas em brasas fincadas na carne e na pele. Por fim, essa sensação se intensifica e então se morre em agonia e dor.

Essa explicação foi minuciosamente dada ao rapaz tão logo o efeito do veneno começou, fazendo-o ficar imobilizado do pescoço para baixo.

— Doutor, que brincadeira é essa?

Ele apenas abaixou a máscara. Um rosto familiar.

— Há três meses você assaltou minha casa e estuprou minha esposa — disse suavemente.

A compreensão lhe atingiu como um peso esmagador. Que azar!

— Doutor, o senhor só pode estar me confundindo.

Hernandez suspirou. Puxou a cadeira mais para perto. Tinha um espetáculo de quatro horas para apreciar.